

MEMÓRIA E ESCRITA: O SUJEITO FEMININO, O PODER DO ESTADO E DA IGREJA NO ROMANCE *DESMUNDO*, DE ANA MIRANDA.

Carla Patrícia da Silva Guedes¹

No Brasil, como em toda parte, a mulher é objeto de preconceito, cristalizados em papéis, mais ou menos estereotipados.
(D'ÁVILA NETO, 1978)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo de estudo o romance de Ana Miranda *Desmundo*, enfatizando o sujeito feminino, o poder do Estado e da Igreja. Tendo como objetivos específicos: observar os papéis da figura feminina no período colonial; analisar o poder da Igreja perante as mulheres no romance *Desmundo*, levando em consideração a tríade do poder no período colonial os quais tinham o poder não somente diante imagem da mulher, mas em todos os setores da sociedade. Oribéla a protagonista é a voz silenciada durante a história, a escrita do romance *Desmundo* desconstrói o pensamento de que há somente uma história oficial. A subordinação feminina é algo que marcou nossa sociedade por décadas deixando-as a margem social.

Palavras-chave: Desmundo. Feminino. Memória. Poder.

INTRODUÇÃO

Durante todo período histórico, as mulheres tiveram seu papel atrelado aos homens. Essa subordinação ou obediência, além de tê-las deixado à margem da sociedade, da economia e do papel político, formaram as bases sólidas para o mundo. Foram de uma importância extrema os valores conservados nas mulheres para a humanidade: feminilidade, bondade, astúcia, além de muitos princípios morais.

Sabemos que por toda a história o homem é a figura dominante, a mulher, por outro lado, é a figura de bom coração a amiga, mãe, esposa (a qual aceita tudo). Essa submissão silenciou por muitos anos às mulheres, tomando assim seus direitos. Foram desvalorizadas, subordinadas, reprimidas, mas nunca desanimaram. E é nesse contexto

¹ Licenciada em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará. Pós-graduada no curso de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva na Faculdade Integrada Ipiranga. Mestrado em Estudos Literários. Cursando Doutorado em Letras – Estudos literários, na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: <CarlaGuedes18@yahoo.com.br>

que o sistema colonial brasileiro foi mantido: todo sofrimento, violência, desumanidade foram sustentados pela figura feminina. Nesta colônia, foram elas, as mulheres que ecoaram os valores e os repassaram para a sociedade. Mesmo reprimidas, exploradas, as mulheres não são apenas vítimas desta história, são os alicerces, agentes e responsáveis pelo rumo que a colonização tomou em questão de valores e princípios. Sendo elas dominadas por todas as figuras masculinas e até mesmo pela fé cristã. A principal função era de gerar filhos, ou seja, a mulher não era digna de realizar grandes feitos (não que a maternidade não seja um feito).

A mulher [...] só teria papel benéfico dentro deste processo se dentro do casamento e enquanto cumprindo o papel de mãe. Ao fugir da benfazeja esfera da vida privada ou ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas tornavam-se um mal (MICHELET, *apud* PRIORE, 1994, p. 12).

A mulher e a sociedade colonial

A mulher na sociedade colonial do Brasil desempenhou os mais variáveis papéis e funções dentro dessa sociedade extremamente dotada de valores escolhidos por homens. Tínhamos as índias, as negras e as mulheres brancas portuguesas. “O assunto mulher evoca inúmeras representações: papéis, status, modelos de comportamentos, mitos, expectativas sociais, luta de classes e/ou de sexos, afetos, preconceitos, tabus, interditos morais” (D’ÁVILA NETO, 1978, p.21).

As condições das índias com a chegada de colonizadores portugueses ocasionou um relacionamento entre duas etnias, gerando assim uma miscigenação do povo brasileiro. Logo, fica evidente na obra *Desmundo* a preocupação desse relacionamento dos colonos com as índias e negras; por conta disso se fez necessária a vinda de órfãs puras e virgens à colônia brasileira para se evitar a procriação desordenada com aquelas mulheres da colônia. Segundo os costumes da época, quando uma jovem perdia o pai, ficava sob a tutela do Estado português, o qual se tornava responsável pelo seu futuro, dessa forma eram enviadas para as colônias.

Nesse período, a mulher vivia, então, submetida às leis do Estado e da Igreja, ou seja, sobre o princípio de que o homem era o ser superior e, logo, competia a ele exercer a autoridade. A mulher devia submissão ao homem em geral, seja o pai, o marido, ou o irmão.

Ora ouvi, filhas minhas. Aquela que chamar de vadio seu homem deve jurar que o disse em um acesso de cólera, nunca mais deixar os cabelos soltos, mas atados, seja em turbante, seja trançado, não morder o beijo, que é sinal de cólera, nem fungar com força, que é desconfiança, nem afilar o nariz, que é desdém e nem encher as bochechas de vento como a si dando realeza, nem alevantar os ombros em indiferença e nem olhar para o céu que é recordação, nem punho cerrado, que ameaça. Tampouco a mão torcer, que é despeito. Nem pá pá nem lari lará (MIRANDA, 1996, p. 67).

As meninas casavam ainda bem jovens, o casamento era uma escolha do pai e o marido escolhido por ele geralmente era um homem mais velho. A educação feminina era exclusivamente relacionada aos afazeres domésticos, como cozinhar, bordar, costurar. A autoridade do pai era indiscutível, era o senhor absoluto perante os filhos e a esposa.

As mulheres na colônia recebiam diferentes tratamentos, principalmente entre as brancas e negras. As negras eram vistas como objetos sexuais, especialmente dos senhores; havia mulheres brancas que se fossem de boas origens viravam senhora de engenho, as famosas Iaiás. Segundo Julia Baseggio e Lisa da Silva (2015) no artigo, *As condições femininas no Brasil colonial*, apesar das más condições de alimentação e higiene em que viviam, as mulheres brancas eram as responsáveis por preservar os costumes. Essas mulheres eram as que mais sofriam, em silêncio, com a poligamia, pois seus maridos, em diversos casos, mantinham relacionamentos com escravas e índias. Já as mulheres brancas de origem pobre acabavam se tornando prostitutas.

A branca oriunda das camadas pobres frequentemente se tornava prostituta, pois era o único meio de subsistência, situação gerada não só por preconceito contra o trabalho feminino, como pela falta de condições da mulher que não aprendia qualquer ofício (D'ÁVILA NETO, 1978, p.47).

As negras, na sociedade colonial, desempenhavam as mais diferentes funções, viviam nas casas-grandes, eram amas de leite, cuidavam da casa, prestavam serviços e, muitas vezes, ainda eram submetidas às condições de violência sexual.

À mulata, pela sugestão sexual não só dos olhos, como do modo de andar, e do jeito de sorrir, alguns acham até que dos pés [...] a mulata é procurada pelos que desejam colher do amor físico os extremos do gozo, e não apenas gozo comum (D'ÁVILA NETO, 1978, p.49).

Não esqueçamos a figura da mulher indígena, que também foi de grande serventia à colônia. A cultura indígena, de forma hospitaleira, recebeu aqueles homens em sua sociedade.

Ana Miranda faz uma reavaliação do papel da mulher na história, para isso vale-se de vários modelos femininos em suas obras: moças angelicais, mulheres negras e escravas, respeitadas senhoras da sociedade da época, prostitutas, freiras, beatas, entre outras. Em *Desmundo*, percebemos também a presença marcante da figura feminina.

A figura feminina e o poder da Igreja no romance *Desmundo*.

No romance *Desmundo*, também podemos perceber a desvalorização da figura feminina. Primeiro temos a figura da protagonista que é uma órfã sem direito de questionar o destino dado a ela, pois Oribela, como é chamada não queria casar, porém não foi dada a ela nenhuma opção, visto que o poder do Estado e da Igreja é o que predomina nesse período, contexto em que houve a vinda de órfãs portuguesas para o Brasil para combater a relação dos colonos com as negras e índias, a fim de manter o branqueamento no país. “Escravas amamentavam suas crias, tendo parido filhos que de rosto saíam brancos, mas tismados em brasa, filhos dos cristãos que delas se enamoravam, na solidão destas terras desabafadas” (MIRANDA, 1996, p.26).

Como qualquer mulher do século XVI, Oribela é reprimida socialmente. Segundo Ludmila Melloem seu artigo *As mulheres do Desmundo: As personagens femininas de Ana Miranda (2010)*, as mulheres eram, de início, julgadas como portadoras do azar, pecadoras, aliciadoras e transgressoras.

Marinheiros em doidas lágrimas, com as mãos para o céu louvavam a Deus chegar vivos, que não esperavam, em naus, mulheres são mau agouro, em oceanos, fêmeas são baús cheios de pedras muito grandes e pesados (MIRANDA, 1996, p. 14).

E nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos pouco de nossos ímpetos mulheris dados ao demônio que devíamos temer e vigiar vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas

pelo espírito do maligno e que depois nos fôssemos confessar em joelhos (MIRANDA, 1996, p. 41).

Além de as mulheres serem rotuladas por adjetivos que as desvalorizavam, eram tratadas pelos colonos como pedaços de carne, prontos para serem abatidos, não havendo respeito algum.

[...] mal podia eu repousar da vigília sobre nós, os homens seus olhos lançavam, fôramos cargas de uma azêmola, boceta de marmelada, alguidar de mel [...] Em suas mulas com poucos alforjes e borsoletes suspiravam mais por carne branca de cristãs do que lobos por cordeiros (MIRANDA, 1996, p. 25).

As mulheres negras, tanto no romance *Boca do Inferno* como no romance *Desmundo*, não são valorizadas, não podendo nem mesmo assistir às missas, “homens bons vieram com negras naturais da terra e que ficaram fora da porta, não deixou o padre entrar nenhuma delas” (MIRANDA, 1996, p. 70). “As escravas também estavam à porta da igreja, algumas ajoelhadas no pátio, eram o que havia de mais belo em toda aquela terra, pensou Gregório de Matos” (MIRANDA, 2006, p.11).

Com relação à Igreja, seus preceitos a respeito de estabelecer aqui no Brasil normas para tentar manter a ordem, observou-se a necessidade de colocar em questão conceitos religiosos de época que assegurassem um ideal de família. A igreja percebeu que os privilégios e a moral dos cristãos na colônia estavam enfraquecidos, adotou-se o conceito de monogamia e família para garantir um modelo de família tradicional. Assim, como já foi visto, foram destinadas mulheres órfãs ao novo território.

O poder da Igreja era muito evidente na colônia brasileira, sendo percebida sua presença até na estrutura colonial quanto ao espaço. “Tocaram os sinos de uma igreja, que havia outra e mais outra, capelas, ermidas, oratórios nas ruas quando se cruzavam, fosse aquele um pedido a Deus, vem, pai nosso, morar neste país” (MIRANDA, 1996, p. 37).

A Igreja Católica tinha seus “mecanismos” de manutenção de poder. A Companhia de Jesus é uma organização religiosa, mas, sobretudo na Colônia, tinha fins políticos. De tal maneira que, assim, muitos aproveitadores se faziam passar por padres para persuadir os índios a embarcarem nas naus:

[...] Queriam os homens das naus levar naturais cativos, para os venderem e fazerem mostra pública, bem adornados, podiam ser fêmeas ou machos. Uns cristãos se metiam em roupeta da Companhia, iam às tribos saltar, diziam aos naturais que os iam

levar para a terra do mel, mandavam as mães seus filhos, enganadas, que logo se viam embarcados eram os padres falsos seus senhores e os metiam em porões com algemas no pescoço e os vendiam como escravos. Outros fundeavam suas caravelas e faziam anúncio de que traziam coisas para vender, enchiam as naus de naturais da terra e logo assim vista a nau os metiam em algemas, zarpavam fazendo deles escravos e os vendiam pelas capitâneas da costa do Brasil (MIRANDA, 1996, p. 49).

De acordo com os ensinamentos relacionados à catequese, a Companhia de Jesus seleciona crianças para aprenderem a língua portuguesa e ensinarem a língua indígena. Dessa maneira, tem-se uma troca de conhecimento, logo é uma forma de conhecer para ser mais fácil dominar o outro, pois essas crianças, depois que conhecem os preceitos religiosos católicos, são enviados de volta a suas famílias para catequizar suas comunidades na religião e na “língua cedida” pelos portugueses.

A Igreja trabalhava juntamente com o governo, compartilhando, inclusive, da opinião corrente sobre a “natureza” do indígena, razão para executar a incumbência com severidade.

Havia na colônia uma tríade do poder: a Igreja, Estado e o matrimônio, sendo esse último subalterno dos dois primeiros poderes. A Igreja e o Estado são poderes que no período colonial exerciam controle quase que total em todas as esferas, principalmente no que se referia às mulheres. Sabemos que, por décadas, a igreja mantinha o poder, graças ao seu poder de persuasão sobre pessoas humildes de pouquíssimo conhecimento ou nenhum; a igreja pregava o medo, os fiéis tinham medo de não alcançarem os reinos do céu. Assim, no que se refere às mulheres, estas eram vigiadas sempre até se tratando de sua sexualidade. A mulher passou a ser alvo de uma moral que “esvazia a mulher de qualquer uso prazeroso do corpo” (PRIORE, 1994, p. 16).

O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja juntamente com o devir de nossa espécie, nossa verdade de sujeito humano [...] O sexo foi e ainda o é, na sociedade cristã, o examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso (FOUCAULT, 1979, p. 229-230).

A igreja apoiava o casamento de jovens adolescentes, e desde muito cedo a igreja alienava as mulheres sobre sexualidade.

Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal,

mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina (DEL PRIORE, 2013, p. 45).

Basicamente entendia-se que o homem era o ser superior, logo o homem deveria exercer autoridade dentro do seu lar, sobre as mulheres e filhos. Se a igreja era sujeita a Cristo, a mulher é submissa ao seu marido, “De modo que o macho (pai, irmão, marido etc.) representara cristo no lar”(DEL PRIORE, 2013, p. 46). Segundo Foucault, “Até meados de século XVI, a igreja controlou a sexualidade de maneira bastante frouxa: a obrigação do sacramento da confissão anual, com as confissões dos diferentes pecados” (FOUCAULT, 1979, p.249).

As mulheres nesse período eram vistas como pecadoras, objetos de luxúrias, o erro de Eva que no jardim do Éden levou a figura do homem ao pecado refletia sobre elas, sendo condenadas a esse fardo, por isso precisavam ser controladas, para que não houvesse mais sua má influência sobre os homens.

Segundo Sueli Scremin, em sua dissertação *Uma análise da obra Desmundo, segundo as perspectivas da memória e da história*(2014), o casamento tinha como função primordial a procriação. Esse papel dado à mulher de conceber uma criança trazia a ela a honra e a importância que muitas vezes lhe eram atribuídas até mesmo pela igreja, que associava a imagem feminina a algo impuro e até representante do mal.

Finalmente, com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão a menina tornava-se mãe, honrada, criada na casa dos pais, casada na igreja. Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador (DEL PRIORE, 2013, p. 52).

A mulher não controlava nem seu próprio corpo. Depois que casavam, o corpo era propriedade de seu marido. No trecho que segue, pode-se observar essa relação de autoritarismo sobre o corpo de Oribela, pois foi violentada pelo marido, na primeira noite, depois de estarem casados:

[...] uma muito estranha coisa para ser criação de Deus, quem seria que inventou de haver fêmea e macho e fazer uns mais fortes e umas mais débeis, que nem meus braços davam conta dos dele nem as pernas dele se apiedavam das minhas, que eu estava a temer de me quebrar os ossos e rasgar pela metade, de forma que demorou mais que um torneio, embora fosse demorado de menos, tal era a impressão, a uivar e amiúde, um barco em ondas altas e desmoronou sobre mim. Ele me abriu, explorou e olhando no lume a cor de

molhado, de sangue, abanando a cabeça disse. Verdade disseste e agora és minha [...] (MIRANDA, 1996, p.77).

Esse poder do marido sobre sua esposa, no caso Oribela, era extremamente comum nesse contexto social. “Cala tua boca. Se queres trocar palavras comigo, diz no escuro do ouvido e da chegada” (MIRANDA, 1996, p.82). O homem, apesar de deter o poder quase absoluto em relação à família, suas terras, seus filhos, dependia de sua mulher para fazer quase tudo (hoje infelizmente ainda temos homem que parecem mais com criancinhas precisando de uma mãe do que de uma companheira). Os homens desconfiavam de suas mulheres e as controlavam em tudo, até a sua sexualidade para que elas não viessem ser infiéis.

Os homens tinham vida mais solta, o que era até admitido pela Igreja e pelo Estado, mas o paradoxo é evidente [...] Os homens são muito ciosos de suas mulheres e as trazem sempre fechadas, reconhecendo assim que os de sua nação são inclinados a corromper as mulheres alheias, ora, se corrompiam as mulheres dos outros, como não desconfiar da própria mulher? Era um terno sobressalto (DEL PRIORE, 2013, p. 58).

Na última parte do romance, o marido de Oribela, Francisco, depois que ela deu a luz ao seu filho, abandonou-a; esse abandono transfigura-se em liberdade. Enfim Oribela fica livre do casamento, a órfã, no anseio de se livrar das lembranças do seu passado, coloca fogo na casa como uma forma de purificação.

Esse abuso de poder perdurou por muitos anos no período colonial brasileiro, esse processo faz parte da formação cultura do país. O sistema de estrutura de classes na sociedade colonial favorece tanto a corrupção política e moral quanto o jogo e o abuso do poder.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa terá como ponto de partida a leitura do romance de Ana Miranda, com a preocupação de obedecer ao recorte teórico mais específico da contemporaneidade a partir de levantamento bibliográfico, documentos, obras literárias e de leituras críticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desmundo nos proporciona mergulhar na História do Brasil Colônia, nas dimensões cultural, social, econômica e política, notadamente nas primeiras décadas da efetiva exploração do território pela Coroa Portuguesa. *Desmundo* nos possibilita estabelecer um diálogo os estudos de História do Brasil Colônia, bem como História Geral do Brasil. Estabelece também um diálogo com a contemporaneidade.

Oribela foi o símbolo (centro) de luta, de coragem, desde que aportou na Colônia, se contrapôs às condições degradantes por que passava, contra o casamento à força, em busca de respeito. Por fim, conseguiu a vitória que foi possível naquele contexto histórico tão adverso.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, Horácio Longino. *A poética clássica*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, p.114, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et alii. 3.ed.São Paulo: UNESP: p.439. 1993.

BASEGGIO e SILVA. Julia Knapp e Lisa Fernanda Meyer. *As condições femininas no Brasil colonial*. Artigo. In: Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 420 p.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 42. ed. São Paulo: Cultrix, p.368,1994.

CAMPOS, Haroldo. [de]. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: fundação casa de Jorge amado, p.125, 1989.

CANDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. 111. ed. São Paulo: Perspectiva, p.119, 2007.

_____. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, segundo volume, 2006.

COMPAGNON. Antoine. *O trabalho de citação*. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: UFMG, p.114, 1996.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. *Mulheres, cultura e desenvolvimento*. In *Desenvolvimento social: desafios e estratégias*. Rio de Janeiro: UNESCO/UFRJ/EICOS, p. 203-226, 1995.

_____. *O Autoritarismo e a Mulher: o jogo da dominação macho-fêmeano Brasil*. Rio de Janeiro: Artes e Contos [Achiame], p. 126. 1978 [1980].

DEL PRIORE, Mary. (Org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p.678, 2007.

_____. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; p. 358, 1993.

DEMOZI, Marlucci Cristina, *Literatura e História Literária em A última Quimera, de Ana Miranda*. Dissertação. Universidade do Estado do Mato Grosso. Tangará da Serra, p.120, 2014.

ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar: Um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, 428 p.

ESTEVES, Antonio Roberto. *O novo romance histórico brasileiro*. In: ANTUNES, Letizia Zini (org.). *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: UNESP, p. 123-58, 1998.

_____. *O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras*. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 42, n. 4, p. 114-136, dez. 2007.

FERREIRA, Ana. *Entre o diálogo e a dialética: a dimensão metaficcional do romance*

FRESNOT, Alain. *Desmundo*. Coubia Tristar Home Entertainment, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, p.296, 1979.

MELLO, Ludmila G. Ribeiro. *As mulheres do Desmundo: as personagens femininas de Ana Miranda*. Artigo. In: *Revista Iluminart*. v. 1 n° 4, Sertãozinho. 2010.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina (1979-1992)*. Cidade de México: Fondo de cultura económica, p.311, 1993.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. *Estudos de gênero - A opressão do feminino na obra Clara dos Anjos de Lima Barreto*. *Revista Scripta*. Curitiba: Universidade Campus de Andrade, 2011.

PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP e Contexto, 2000.

SANTIAGO, Silvano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, 119 p.

VALENZA, Allan. *O romance Desmundo, de Ana Miranda - entre a literatura e a história*. Dissertação. Universidade Federal do Paraná, 2006.